

A SACRAMENTALIDADE DA PALAVRA

Não há como esconder os traços de alegria, vivacidade e vigor na face de nossa Igreja, desde que os leigos puderam servi-la com seus dons, presentes divinos, que sob a luz do Espírito Santo tornaram-se verdadeiros instrumentos na construção do Reino. A realidade que hoje vivemos foi o sonho de muitos no decorrer destes séculos de história. Leigos e leigas ocupando seus espaços nos mais variados setores e ministérios da Igreja. Homens e mulheres, jovens e crianças, adultos e idosos, cada qual com seu carisma e vocação.

Um dos Ministérios é o do Leitor: aquele que oferece sua voz para que o projeto do Pai ecoe nos corações. Para exercer esse ministério, com dignidade, é preciso o empenho para uma boa preparação e instrução dos fiéis. Precisamos nos esforçar para que a importância e beleza desse ministério sejam acolhidas por aqueles que o assumem, pois “quando se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus que fala ao seu povo, é Cristo presente na sua palavra que anuncia o Evangelho” (SCa - *Sacramentum Caritatis*, 45).

Escrituras Sagradas após o Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II resgatou o sentido das Sagradas Escrituras na liturgia e hoje se fala sobre o Pão da Palavra e o pão da Eucaristia. Isso deixa claro que o sacramento sem a palavra perderia seu sentido e sua eficácia. Deu-se ainda a abertura para que os leigos pudessem exercer esse ministério nas paróquias. Sobre as Sagradas escrituras a Constituição Conciliar “*Sacrosanctum Concilium*” diz: “Na celebração litúrgica é máxima a importância da Sagrada Escritura. Pois dela são lidas as lições explicadas na homilia e cantam-se os salmos. É de sua inspiração e bafejo que surgiram as preces, atos e sinais que tomam a sua significação...” (SC - *Sacrosanctum Concilium*, 24).

No entanto, perpassa em nossa reflexão a seguinte pergunta: A redescoberta do valor da Palavra de Deus, que a reforma litúrgica operou, tem encontrado espaço positivo nas nossas celebrações?

Uma dupla mesa que é sempre o mesmo Cristo “Palavra e Eucaristia relacionam-se tão intimamente que não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de Deus faz-se Carne, sacramentalmente, no evento eucarístico. A Eucaristia abre-nos à inteligência da Sagrada Escritura, como ela, por sua vez, ilumina e explica o Mistério eucarístico” (cf. VB - *Verbum Domini*, 112).

A teologia litúrgica quando trata sobre a celebração eucarística ensina que ela se desenvolve numa dupla mesa: A mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia. Ambas estreitamente correlacionadas a ponto de formar um único ato de culto celebrativo, com um único presidente e uma mesma assembléia: Cristo e o povo celebrante/orante. Essas duas ações, obedecendo ao mandato de Jesus e fazer “isso” em sua memória, conduzam a assembléia a entrar em diálogo íntimo com Deus (cf. 1Cor 11,23-26).

Assim, será fundamental ligar os dois ritos celebrados. Primeiramente, o nosso olhar, a nossa atenção e o nosso coração se voltarão para o ambão, onde o Livro é aberto e proclamado/oferecido como o pão da Palavra do Senhor. Nutridos dessa Palavra, elevaremos a Deus a Oração Eucarística, onde o pão da Palavra viva se transforma em pão/Corpo do Senhor; dessa forma, são duas as mesas, mais um só é o alimento: Jesus Cristo, o pão da vida. Orígenes (254), grande cristão dos primeiros tempos, afirmava: “considero o Evangelho como o Corpo de Cristo”, e o grande teólogo Santo Agostinho acrescentava: “a boca de Cristo é o Evangelho: está sentado no céu, mas não deixa de falar na terra”.

É bom que se diga, com o intuito de corrigir certas tendências, que tentam atribuir à primeira parte da celebração, a Liturgia da Palavra, apenas a antecipação, o conhecimento, a proclamação, a evocação. Isso, liturgicamente, não é exato: já na celebração da Palavra sucede um acontecimento salvífico, quando Cristo já está agindo com sua presença salvadora pela qual já se realizam de modo determinado a salvação e aliança proclamadas (cf. IELM – Introdução ao Elenco das Leituras da Missa, 46). Embora, certamente, a Eucaristia leve depois à plenitude esse encontro salvador, com outra linguagem. Há uma dinâmica mútua de relação entre ambas, que já em sua primeira aproximação a Palavra tem muito de realidade salvífica. É já uma “primeira comunhão” com Jesus Cristo. Como os discípulos de Emaús, se deixamos aquecer os corações pela força da Palavra de Jesus Cristo, celebraremos com certeza muito melhor depois o banquete da Eucaristia, onde o reconheceremos fraternalmente ao partir do pão (cf. Lc 24,30-31).

Dessa forma, ambas as mesas harmoniosamente revelam o Senhor àqueles que estão com os olhos vendados, e os cumula de graças, de tal modo que os impulsiona a mudanças pessoais, resultando conseqüentemente na mudança da sociedade como um todo. Para que isso ocorra, faz-se necessário que ambas as partes sejam devidamente preparadas e executadas. Os encontros litúrgicos entre os primeiros cristãos não objetivavam apenas o louvor e a adoração ao Senhor, mas o anúncio do Evangelho (cf. Rm 15,16). Eles se mostravam assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações (At 2,42).

Liturgia da Palavra

“Podemos ler a Palavra como simples documento ou papel impresso. Mas se a lemos como Palavra de Deus que ela é, então seremos impulsionados a nos envolver pessoalmente com essa comunicação tão particular”.

A liturgia da palavra é parte integrante das celebrações sacramentais. Para alimentar a fé dos fiéis, os sinais da palavra de Deus precisam ser valorizados: o livro da palavra (Leccionário ou Evangeliário), sua veneração (procissão, incenso, luz), o lugar de onde é anunciado (ambão), sua leitura audível e inteligível, a homilia do ministro que prolonga sua proclamação, as respostas da assembléia (aclamações, salmos de meditação, ladainha, profissão de fé...). Inseparáveis enquanto sinais e ensinamentos, a palavra e a ação litúrgicas são indissociáveis também enquanto realizam o que significam.

O Espírito Santo não somente dá a compreensão da Palavra de Deus suscitando também a fé; “pelos sacramentos ele realiza também as ‘maravilhas’ de Deus anunciadas pela Palavra: torna presente e comunica a obra do Pai realizada pelo Filho Bem-amado” (CIC – Catecismo da Igreja Católica, 1153). As Escrituras Sagradas revelam o Deus vivo que se faz, por meio delas, presente em sua Igreja (cf. SC, 7). Leitores distantes de serem meros servidores da comunidade, são no momento da proclamação da palavra o instrumento pelo qual o próprio Jesus fala. São testemunhas vivas da própria palavra.

Um elenco de leituras para cada tipo de celebração

Para todos os tipos de celebração litúrgica existe um elenco de leituras bíblicas, adequadas a cada caso. Há leituras próprias à escolha para as celebrações do batismo, de casamento, de bênçãos, de exéquias... De certa forma, o elenco mais importante é para as celebrações de domingo, por ser o domingo a festa mais importante dos cristãos. É páscoa semanal. Por isso, queremos lembrar aqui brevemente como está organizado este elenco ou roteiro.

Houve a preocupação de oferecer a todo povo cristão que participa da celebração dominical, uma leitura das partes mais importantes das Sagradas Escrituras, ao longo de três anos. Cada ano vem caracterizado pela proclamação de um dos evangelhos chamados sinóticos: Ano A, Mateus; ano B, Marcos; ano C, Lucas. O evangelho de João ocupará as festas e os tempos fortes do ano litúrgico: advento, tempo do natal, quaresma, tempo pascal; e João 6 virá completar o evangelho de Marcos, no ano B. Para os domingos do tempo comum, é a partir dos evangelhos que foram escolhidas as primeiras leituras. O salmo responde à primeira leitura e a aclamação ao evangelho geralmente é tirada do evangelho do dia. A segunda leitura semi-contínua das cartas do Novo Testamento, isto é, foram escolhidas as passagens mais significativas destas cartas, sem preocupação de ligá-las com os outros textos bíblicos. Somente há ligação de um domingo a outro.

Observação: Para os dias da semana, há um elenco de leitura bíblica por dois anos: anos pares e anos ímpares. Para cada dia estão previstos uma leitura, um salmo e um evangelho. O evangelho é o mesmo a cada ano; o que muda é a primeira leitura e o salmo.

Fazer a leitura? Ou proclamar a Palavra?

Convencidas de que somente a Palavra de Deus era a única palavra a preencher todas suas expectativas, as pessoas são convidadas a dirigir seu olhar para aquele que proclama a leitura como o depositário oficial da Palavra, reconhecido como narrador qualificado. A narrativa do chamado de Isaías manifesta, na pessoa do profeta, sua missão relacionada à missão do leitor: “Isaías 6,5-8”. Mesmo diante de sua impureza, incapacidade e medo, tremendo, Isaías se oferece: “Eis-me aqui! Envia-me”. Então Deus comunica a seu porta-voz a provocadora mensagem que ele há de proclamar.

Deus tem muito a dizer a seu povo nos momentos de prosperidade e de provação. “Mas Deus não tem boca para falar; então, eis que intervém o profeta (leitor) que, coagido pelo seu zelo, lhe empresta humildemente a boca. As palavras de Deus queimam em seu peito e na sua boca. Ele não pode conter-se. Assim, São Gregório Magno diz: “o mesmo Espírito que fazia arder a alma dos profetas toca hoje a alma dos leitores”.

Geralmente quem aborda uma pessoa para ser leitor ou leitora, diz o seguinte: “Você pode fazer uma leitura hoje?” Fazer uma leitura assim, até que é relativamente fácil. Se não houver palavras complicadas no texto e se o leitor tiver um mínimo de prática, poderá se sair até bem. Acontece que na liturgia não se trata de fazer a leitura, simplesmente. Trata-se de proclamar a Palavra. Mas, qual a diferença? Pode até parecer uma questão de termos, apenas. Mas não é. Vejamos:

Fazer a leitura significa ir lá na frente, ler o que está escrito, para informação minha e da comunidade. Ou, no pior dos casos, é apenas uma formalidade: celebração supõe leitura, alguém deve fazê-la; pouco importa se os presentes entenderam o que foi dito ou se foram atingidos pelo que ouviram.

Proclamar a Palavra é um gesto sacramental. Coloco-me a serviço de Jesus Cristo que, através da minha leitura, da minha voz, da minha comunicação... quer falar pessoalmente com o seu povo reunido. Consciente que é Cristo mesmo quem fala através do leitor.

Qual é então a função ministerial do leitor?

“Eu fui até o anjo e pedi que me entregasse o Livro. E ele me falou: pega e devora. Será amargo no estômago, mas na tua boca será doce como mel” (Ap 10,9).

Para que os fiéis adquiram uma estima viva pela Sagrada Escritura por meio da audição das leituras divinas, é necessário que os leitores que desempenham esse ministério, ainda que não tenham sido oficialmente instituídos nele, sejam verdadeiramente aptos e estejam cuidadosamente preparados (cf. IGMR – Instrução Geral do Missal Romano 101; VD, 107-108).

A Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia quando fala sobre os leitores afirma que eles desempenham “um verdadeiro ministério litúrgico” (cf. SC, 29). O exercício de seu ministério é específico e, por isso mesmo, o ministro leitor não se satisfaz apenas pelo fato de ler o texto, ou devorar e tagarelar palavras. Infelizmente não é raro deparar com essas lamentáveis situações em algumas celebrações da Igreja. Existem comunidades onde acontecem mais ou menos assim: para a celebração, alguém deve “fazer” as leituras, então, se escolhem “à pesca” as pessoas para ler. Pouco importa se, do jeito que elas lêem os presentes à celebração compreenderam ou não a mensagem do texto inspirado.

Outra coisa bem diferente é o gesto de “proclamar” a Palavra: trata-se e um gesto sacramental. O leitor se coloca inteiramente, com toda a sua pessoa, diante do texto. Ele sabe que na sua voz ressoa a voz de Jesus Cristo. Coloca-se a seu serviço, pela ação de proclamar, de emprestar a sua voz, seu poder de comunicação. Desse modo, Jesus pode falar pessoalmente e comunicar todo seu amor e sua misericórdia ao povo reunido. Pois Jesus está verdadeiramente presente quando são lidas as Escrituras na Igreja, isto é, na comunidade celebrante reunida (cf. SC, 7).

Então, qual é precisamente o ministério dos leitores? Ele consiste, abreviadamente, em proclamar a Palavra de Deus à comunidade celebrante com ‘clareza e sabedoria’. E o ministério que o caracteriza é chamado de “proclamadores da Palavra”. Isso significa que:

Os leitores e leitoras não estão aí para ajudar o Padre, como muitos continuam pensando. Assumem um ministério próprio. Atuam a partir de seu sacerdócio de batizados.

Não trabalham por conta própria, mas como representantes de Cristo, animados por seu Espírito. É Cristo mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja (cf. SC, 7).

Estão aí não para exercer um poder sobre a comunidade ou para aparecer. Ao contrário, trata-se de um serviço comunitário, eclesial. São chamados a prestar um serviço (ministério) aos irmãos e irmãs reunidos em assembléia.

Proclamar com os lábios e com o coração

O Missal prevê um pequeno gesto feito em silêncio, que pode nos mostrar claramente como deve ser a atitude dos leitores: Antes de o diácono proclamar o Evangelho na missa, ele se inclina diante do presidente da assembléia e pede a sua bênção; o presidente então diz: “O Senhor esteja em teu coração e em teus lábios para que possas anunciar dignamente o seu Evangelho: em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Quando é o próprio padre que faz a proclamação, ele se inclina diante do altar e reza, em silêncio, assim: “Ó Deus todo-poderoso, purificai-me o coração e os lábios para que eu anuncie dignamente o vosso santo Evangelho”.

Todos os leitores poderiam inspirar-se nestes dois textos para sua oração e atitude interior antes da proclamação da leitura. Os dois se referem ao coração e aos lábios:

Ao coração, porque é nele que acolhemos a Palavra e o Espírito do Senhor que é Amor. A proclamação deverá partir do coração.

Aos lábios, porque são o instrumento de comunicação. “Lábios” significa todo o esforço feito para que a Palavra concebida no coração sob a ação do Espírito possa atingir o coração dos ouvintes, possa gerar neles a Palavra que quer fazer-se carne outra vez na nossa vida, em nossa realidade. “Lábios” significa: dicção, entonação de voz, ritmo, respiração, ênfase...

De fato, devemos deixar que o Senhor esteja presente neste processo de comunicação, e por isso, deverá ser realizado com toda reverência e unção possíveis. A Palavra transmitida pela leitura deve sempre atingir os ouvintes (e o próprio leitor também é um deles!), para que escolham entre a bênção e a maldição, entre a vida e a morte (cf. Dt 30,19-20). Esta Palavra deve atingir os ouvintes e fazer brotar do coração deles uma profissão de fé: “...estes sinais foram escritos para que vocês acreditem que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E para que, crendo, vocês tenham vida em seu nome” (Jo 20,31).

É PRECISO PREPARAR UMA EQUIPE DE LEITORES

Ainda é bastante comum a gente chegar ao início de uma celebração litúrgica e perceber que a equipe de liturgia está procurando leitores para aquela celebração. É muito comum também as leituras serem lidas de folhetos chamados “litúrgicos”, o padre beijar o folheto no final do Evangelho, não se ter o ambão, lugar próprio da Palavra. É muito comum ainda o leitor não se comunicar com a assembléia e o povo todo acompanhar a leitura lendo no folheto, cada um por si. Em algumas comunidades insiste-se em que todos tragam a Bíblia para fazer este acompanhamento individual. O que pensar de tudo isso?

A necessidade de organizar um grupo

Todos devem preocupar-se para que as celebrações sejam belas, envolventes e participativas em benefício de todos. No que diz respeito às leituras, a experiência ensina que, por um lado, as celebrações não ficam boas quando o leitor é sempre a mesma pessoa; por outro, deve-se vencer a corriqueira prática da improvisação. Hoje, se insiste na necessidade de organizar uma verdadeira “escola de leitores e leitoras” para que Deus faça sentir sua voz profética no meio do seu povo reunido, tanto em nível diocesano quanto paroquial (cf. OLM 51; VD, 28).

É preciso, portanto, tomar consciência de que a pessoa que proclama a Palavra do Senhor deve preparar-se com certa antecedência, se possível durante a semana, para que, chegado o momento da celebração, a Palavra que está escrita no Livro brote com força desse coração onde o Espírito Santo achou aconchego pela leitura, pela meditação e pela oração. Insistir é preciso! Sem uma ponderada espiritualidade pessoal e bíblica não teremos jamais idôneos proclamadores da Palavra que a façam ressoar com força profética e evangelizadora.

Como escolher os membros

Ao escolher os ministros proclamadores da Palavra deve-se se levar em conta os seguintes aspectos:

- Que sejam cristãos autênticos e participativos na comunidade;
- Que sejam não somente alfabetizados, um bom exercício de leitura ou ao menos disposição em aprender;
- Que tenham bom relacionamento com as pessoas, dentro e fora do âmbito paroquial;
- Que sejam testemunhas vivas de acolhimento e solidariedade;

- Que tenham boa voz e queiram participar de fato.

Todas as pessoas devidamente preparadas têm direito a exercer essa função. Não pode existir na comunidade nenhum tipo de discriminação, muito menos quando se trata de pessoas com deficiências. Nossas comunidades devem espelhar sempre as preciosas atitudes de acolhida e da comunhão fraterna.

Quanto à idade

A idade aceitável está relacionada com a vida sacramental e de caminhada na comunidade. De que adianta uma pessoa possuir a maior idade, sendo que não possui uma vivência da sua fé em comunidade. A leitura proclamada por uma criança ou adolescente poderá alcançar os fiéis tanto de sua faixa etária quanto de outras com maior facilidade. Ressaltando que não haja aceção de pessoas seja por gênero, etnia ou classe social. Todos os fiéis têm o direito de exercer as funções citadas, desde que estejam preparados.

Quanto aos fiéis portadores de necessidades especiais, deve-se possibilitar o acesso tanto à compreensão das leituras quando aos lugares a serem proclamadas

Como preparar uma leitura

Para poder transmitir a Palavra de Deus contida na leitura e atingir a assembléia ouvinte é necessário que o leitor conheça e entenda aquilo que está lendo. O leitor não pode ser daqueles que andam com um véu na frente dos olhos e do coração, e por isso, não compreendem as Escrituras (cf. 2Cor 3,12-18). Um leitor que não entende aquilo que está lendo, transmitirá dúvidas. Somente o leitor que conhece a leitura e acredita naquilo que lê, será capaz de fazer da leitura um verdadeiro anúncio da Palavra. A leitura orante da Palavra de Deus pode ser um recurso para ajudar a rezar o texto.

É importante saber em que circunstâncias foi escrito, a quem foi dirigido, quem está falando e com que objetivo... Depois, saber o sentido do texto no conjunto da revelação e do mistério de Cristo, para que o texto possa se tornar uma Palavra de Salvação para nós, hoje. Em caso da não compreensão de alguma palavra, procure saber o seu significado. Também no caso da não compreensão do significado da leitura, busque informações com pessoas mais conhecidas no assunto. O leitor deve conscientizar-se de que o texto que proclama não lhe pertence. Ele não é o autor bíblico. Será necessário então descobrir o que é que ele quis dizer e como quis dizê-lo.

Há palavras com maior dificuldade fonética, ou seja, mais difíceis de serem pronunciadas, para essas vale um treinamento prévio. Por exemplo: Nabucodonosor, José de Arimatéia, Vo-lo farei e etc. Conhecer o significado das palavras expressas em outra língua como, “Elói, Elói lamma sabactani?” (Mc 15, 34), frase a qual além de ser mal pronunciada, não se coloca o peso emocional que ela carrega.

Algumas sugestões:

- Grife palavras e frases importantes para decorá-las, assim você poderá dar ênfase nelas;
- Marque as pausas e os silêncios, sem esses a palavra se perde no barulho;
- Procuro o tom de voz que combine com o gênero literário dos textos, com os sentimentos expressos pelo texto.
- Cuide da respiração, inspirando pelo nariz sem fazer barulho, isso lhe ajudará a se acalmar;
- Cuide da dicção, articulando e pronunciando bem cada palavra, cada sílaba...
- Diga o texto algumas vezes em voz alta.

<p>Observação: Comece a preparar a leitura de sábado ou domingo no início da semana; assim terá o tempo necessário para assimilar melhor a Palavra no coração e na vida.</p>

Asseio e imagem

Este tópico pode parecer obvio demais para ser abordado, mas são orientações valiosas.

Cuidado com a roupa, que esteja limpa e bem passada; nada de luxo e ostentação; é bom cuidar de pentear os cabelos, evitar barba desarrumada, unhas e maquiagem extravagante, perfumes penetrantes... enfim é só aplicar prudentemente o bom senso.

A veste é sinal daquilo que somos ou pretendemos ser e, para nós, cristãos, a veste tem um significado maior: ela nos lembra o dia do Batismo, em que fomos convidados a nos revestir da luz de Cristo. A veste, portanto, deve manifestar simplicidade e discrição, sem luxos ou exagero, porque luxo não é elegância e simplicidade não é desleixo. Cf. p.63

AGORA É O MOMENTO DE PROCLAMAR

Não é só pelo conteúdo da leitura, mas por todo o seu modo de ser e de falar, de olhar e de se movimentar, que o leitor ou a leitora deverão ser, no meio da comunidade, sinais vivos do Cristo-Palavra e do seu Espírito. Se fosse pelo conteúdo da leitura apenas, poderia ser mais interessante cada pessoa ler sozinha num folheto ou na Bíblia. Mas a leitura litúrgica é um acontecimento comunitário e sacramental. Jesus Cristo fala à comunidade reunida pela mediação do leitor ou leitora. E o seu Espírito está presente na pessoa que lê e está atuante também nos ouvintes para que acolham a Palavra em suas vidas. Os ouvintes devem ouvir, acolher a Palavra. Ouvem as palavras proclamadas pelos leitores, e têm os olhos fixos neles para não perderem nem uma vírgula, nem um sinal daquilo que é anunciado.

Para que essa comunicação aconteça de forma satisfatória é importante chegar com alguns minutos de antecipação para passar as leituras, prepararemos o Lecionário no ambão, arrumaremos o microfone e, se for o caso, tiraremos as dúvidas com o presbítero (ou outra pessoa competente) e nos organizaremos com a equipe celebrativa.

A Veste Litúrgica é de grande importância para exercer o ministério, pois ela caracteriza de forma externa a função litúrgica. Deve ser digna e bela, tal qual o ministério que representa e a Palavra que toca. As palavras devem cuidar para que sua estética e coloração sejam sóbrias, mas nem por isso menos solene. A veste deve ser utilizada pelo leitor do início ao término da celebração, pois ele assume este ministério durante toda a ação celebrativa. Sobre a forma da veste litúrgica, fica a cargo do ordinário local (Bispo), definir seus traços, ou o pároco local na havendo normativa diocesana.

Onde ficar

“Coloquem-se as cadeiras dos ministros no local mais apropriado do presbitério, para que possam facilmente cumprir as suas funções” (IGMR, 271). Além dessa instrução podemos encontrar no número 257 da IGMR, outra orientação valiosa: “O sacerdote e seus ministros ocuparão o presbitério, isto é aquele lugar da igreja que manifesta a sua função, onde cada um, respectivamente, presidirá a oração, anunciará a palavra de Deus e servirá ao altar”.

Portanto, devem, em razão da função que manifesta da ação litúrgica, estar no presbitério os ministros da proclamação da palavra (leitores) e os acólitos (ou coroinhas), na falta destes últimos, os Ministros Extraordinários da Santa Comunhão, convenientemente preparados, assumem sua função e seu lugar no presbitério.

O ideal é que o leitor sente-se próximo ao ambão, assim com o comentarista próximo ao seu local de atuação, afim de que não haja quebra no ritmo da celebração. O comentarista nunca deve ocupar o mesmo lugar onde se proclama a Palavra, de preferência do lado oposto. Se o leitor situar-se fora do presbitério e de lado oposto ao ambão deverá: caminhar seguro e se passar em frente ao altar, deve fazer breve reverência ao altar e ao presidente da celebração. Assim como deve evitar: passar por detrás do sacerdote, ficar sentado em local muito longe do ambão, caminhar muito depressa.

<p>Observação: Deve-se ressaltar que cabe ao pároco verificar a disposição dos ministérios no espaço celebrativo, mediante a conveniência e espaço.</p>
--

Como posicionar-se

O leitor deve estar atento para dirigir-se ao ambão assim que a assembléia responder o “Amém” à Oração Coleta, proferida pelo presidente da celebração. Deverá movimentar-se com calma, sem precipitações, dominando a compostura de toda sua pessoa. Ele é o corajoso arauto escolhido para erguer os corações dos fiéis que, ansiosamente, o esperam para escutar a Palavra do Senhor. Sua postura “em pé” além de manifestar respeito pela dignidade da Palavra exprime a atitude do fiel discípulo, orante diante do Senhor.

Se o leitor passar em frente ao altar, deverá fazer uma simples inclinação de cabeça. A breve e serena caminhada até o ambão, além de ser um ato litúrgico, ajuda também a arquitetar a apreensão e acalmar toda sua pessoa. Ao chegar mantenha boa postura: tronco sempre erguido e firme; descanse os ombros; se apóie nas duas pernas levemente abertas para estabilizar o corpo e evitar tremedeiras; um corpo bem equilibrado facilita a respiração e o ritmo da proclamação. Evite movimentos bruscos. Tudo precisa acontecer com a maior leveza e naturalidade possível.

O nosso olhar será atento e sereno

O leitor olhará para a assembléia com serenidade, tentando assim envolver os irmãos e irmãs no mistério que será comunicado na Palavra de Deus. Poderá olhar ao final dos parágrafos importantes ou para sublinhar alguma frase forte e significativa. O olhar pode falar dos sentimentos que o autor bíblico possui naquele momento.

O leitor deverá preocupar-se, na verdade, em realizar uma autêntica comunicação. A leitura não deriva do olhar à assembléia, mas de uma boa dicção, feita com voz intensa e sustentada, mas aquele contribui muito.

É importante anunciar de cor a titulação da leitura, olhando para a assembléia, por exemplo: “leitura da Carta de São Paulo...”. Depois de uma breve pausa (para não parecer que a titulação faz parte da leitura), respirará profundamente e continuará normalmente a proclamação do texto sagrado. Antes de dizer “Palavra do Senhor”, ao final da proclamação, é expressivo realizar um breve instante de silêncio, e fitando com o olhar a assembléia dizer esta aclamação.

Observação: Não se deve dizer “Primeira Leitura”, “Segunda Leitura” e “Salmo Responsorial”, estas palavras são orientadoras para se identificar as leituras no Lecionário. Além disso, um erro costumeiro é o de dizer: “Palavras do Senhor”. Ou seja, o termo “palavra” no plural. Não se trata de palavras proclamadas, mas da “Palavra de Deus” como um todo.

O emprego do microfone

O microfone não encobre os defeitos da voz, ao contrário, os amplifica. Ele espalhará a voz em toda a assembléia e ela se fará presente com toda força e beleza que possui, mas também com toda sua possível limitação e fraqueza. Falar ao microfone exige maior atenção e controle.

Observar a distância necessária entre a boca e o microfone, geralmente se indica uma distância de quatro dedos, mas isso varia dependendo da impostação da voz ou do volume natural da voz do leitor. Portanto, evite falar alto ou baixo demais.

Você está proclamando a Palavra de Deus. É importante respeitar os sinais e pontuação e caprichar na impostação. Comunique aos presentes o que está escrito, não faça apenas uma leitura corrida, conte a eles os fatos.

É importante, ainda, conhecer o aparelho microfone que vai amplificara voz enquanto se proclama para evitar situações que quebram o discorrer da Liturgia da Palavra, como a altura do microfone (baixo ou alto demais) ou como a possibilidade do microfone estar desligado.

Como se portar no presbitério

Conversas no presbitério furtam a atenção dos fiéis e é um desrespeito a quem está desempenhando alguma atividade. Bons comunicadores são bons ouvintes. Ora, a “recíproca é verdadeira”, como esperar dos outros atenção se não consigo lidar ou trabalhá-la? Estando no presbitério deve-se evitar cruzar as pernas ou outras posições inconvenientes.

Livros litúrgicos

É importante destacarmos aqui o cuidado e respeito que devemos ter com o texto sagrado empregado nas celebrações. Com efeito, nas celebrações devemos usar os livros aprovados para esse fim: os Lecionários e o Evangeliário. Por que essa advertência? Porque se percebe que muitas comunidades servem-se de subsídios como liturgia diária, ou algum folheto litúrgico para a proclamação da Palavra de Deus. É bom que se diga que esses subsídios prestam um bom serviço às comunidades, mas eles não são aptos para serem utilizados “em lugar” dos livros litúrgicos aprovados pela Igreja para a celebração da Palavra.

Os livros adquirem especial relevância pela sua manifestação de “sinais vivíveis”, como “lugar da presença do Senhor no meio do povo”. Deve-se prestar aos livros litúrgicos o mesmo respeito e veneração que a Igreja professa à Palavra de Deus. De onde se conclui que é importante cuidar de sua apresentação até o cuidado de sua conservação.

Observação: A Bíblia é de grande importância para a comunidade de fé, mas seu uso é voltado para a pastoral e a vida pessoal de oração. Nas nossas liturgias não convém seu uso, visto que, temos os livros litúrgicos para a leitura e reflexão.

DEPOIS DA PROCLAMAÇÃO

Avaliando o trabalho – Toda celebração deve ser avaliada meticulosamente pela equipe. Os ministros proclamadores da palavra devem estar atentos a esta avaliação, pois sempre temos algo a ser melhorado, e assim, busquem corrigir os pontos falhos. A vaidade é inimiga de uma boa avaliação. Desejar melhorar é aceitar as críticas com ouvidos de aprendiz.

CONCLUSÃO

A leitura deve ressoar dentro do contexto de nossa vida atual, com suas alegrias e seus problemas, conflitos e tensões... Ela deve penetrar no interior de cada indivíduo e iluminar e julgar a sua consciência e seus atos: “A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes. Ela penetra até o ponto onde a alma e o espírito se encontram, e até onde juntas e medulas se tocam. Ela sonda os sentimentos e pensamentos mais íntimos. Não existe criatura que possa esconder-se de Deus; tudo fica nu e descoberto aos olhos dele; e a ele devemos prestar contas” (Hb 4,12-13).

Organização: Padre Gabriel Duarte

BIBLIOGRAFIA

O presente material foi elaborado tomando por base o texto destes três livros, adaptando-os a partir das orientações da Igreja, estudos atuais e realidade da Diocese de Almenara:

BUYST, Ione. **O ministério de leitores e salmistas**. São Paulo: Paulinas, 2002.

MADUREIRA, Aristides Luís. **Formação para leitores comentaristas litúrgicos**. Uberlândia: Editora A Partilha, 2007.

MICHELETTI, Guillermo Daniel. **Como proclamar a Palavra: orientações e técnicas para leitores e animadores**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2011.

(Bibliografia complementar)

BENTO XXI. “Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”. Exortação Apostólica Pós-sinodal “**Verbum Domini**”. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI. “Sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja”. Exortação Apostólica Pós-sinodal “**Sacramentum Caritatis**”. São Paulo: Paulinas, 2007

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

CNBB. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Elenco das Leituras da Missa**. Brasília: Edições CNBB, 2008

CNBB. **Animação da vida litúrgica no Brasil**. Col. Documentos da CNBB, nº43. São Paulo: Editora Paulinas, 1989.

Constituição Conciliar “**Sacrosanctum Concilium**” sobre a sagrada liturgia. São Paulo: Paulus, 1997.